

DIFERENÇAS DE ESTILOS DE VIDA ENTRE POPULAÇÕES JOVENS DE MEIO RURAL (Boticas) E DE MEIO URBANO (Braga).

Artur Gonçalves^{1,2} Graça S. Carvalho²

1. Escola EB2/3 de Palmeira, Portugal (professorartur@hotmail.com)
2. LIBEC/CIFPEC, IEC, Universidade do Minho, Portugal (graca@iec.uminho.pt)

Resumo

Os Estilos de Vida, como maneiras de agir pensar e sentir, constituíram-se como o cerne desta investigação em virtude de serem as traves mestras da vida e da acção humana e, simultaneamente uma importante alavanca na construção e promoção da saúde. O objectivo do presente estudo é demonstrar se há diferenças significativas nos modelos de Estilos de Vida das populações jovens de meio rural, Boticas, e de meio urbano, Braga, em domínios como: alimentação, higiene, segurança, conforto, lazer, atitudes perante o sexo seguro, bem-estar, ambiente, água, níveis de satisfação, recursos económicos, perspectivas de vida.

Da análise aos resultados sobressai que no âmbito dos Estilos de Vida, a dicotomia Rural–Urbano é significativa em diversos parâmetros analisados. No confronto entre as duas populações estudadas para o campo dos valores, nas variáveis em estudo e nas categorias que as constituem, os jovens rurais expressam níveis superiores de resistência na adesão a novas tendências e mantêm-se num plano mais tradicionalista, conservador e de censura ao incumprimento da norma, enquanto que os jovens urbanos são mais flexíveis e apresentam maior grau de aceitação e de incorporação do novo.

As duas realidades apresentam um conjunto concepções sobre os Estilos de Vida bastante diferenciado, o qual indicia a existência de matrizes cognitivas, valorativas e das suas práticas substancialmente diferentes no processo de adaptação ao meio ecossistémico onde actuam. Assim, os Estilos de Vida (EV) ou concepções de vida seguem o modelo KVP (Clément, 2004; 2006), sendo no caso presente $EV = f(KVP)$. Os EV são função dos Conhecimentos (K – *knowledge*) que se traduzem pela literacia, metacognição e capacitação, dos Valores (V) entendidos como princípios e normas tidos como positivos pelo conjunto da sociedade ou por comunidades particulares e restritas e que regem a conduta e das Práticas sociais (P) vistas como o processo de aplicação à vida quotidiana social e profissional.

1-INTRODUÇÃO

O conceito de Estilos de Vida pode numa acepção globalizante ser traduzido pelo currículo existencial do sujeito em adaptação ao meio e à cultura onde actua. Sorokim (1947) definiu-os como sendo “*tudo o que o indivíduo aprende a fazer para viver numa comunidade particular*”, ou seja, os Estilos de Vida pressupõe a apropriação duma cultura particular para que o indivíduo possa viver, agir e dominar o meio. Nesta óptica os Estilos de Vida apontam para “*o produto da cultura*” (Taylor, 2002) traduzido em herança social.

Já para Durkheim (1963) os Estilos de Vida são as “*maneiras de agir, pensar e sentir*”. Neste caso, o sociólogo expande e faz convergir para a definição várias dimensões da pessoa como o sócio-cultural, o psico-afectivo e o biológico-comportamental.

De maneira aparentemente mais simples Rocher (1989), definiu E. V. como “*as maneiras de viver*”. Esta aparente simplicidade encerra em si uma complexidade extrema na medida em que faz apelo a um equilíbrio na instabilidade. Isto porque as “*maneiras*” pressupõem o ajuste de todas as dimensões do sujeito individual à colectividade social e ambiental, e “*viver*” implica a realização das vontades, desejos e anseios da pessoa.

Como produto emergente da tríade: *conhecimento (K)*, *valores (V)* e *práticas (P)* (Clément 2004, 2006), os Estilos de Vida assumem-se como traves mestras da acção humana e da saúde, tenham elas por génese sistemas de interacção sócio-ambiental, aspectos físicos, psíquicos, sociais, emocionais ou conotativos.

Para além de alavancas da saúde e da qualidade de vida, os Estilos de Vida são ainda um recurso da vida quotidiana com implicações no sucesso existencial, na integração social, na postura crítica e atitudinal e no livre arbítrio (Seedhouse, 1997).

Sendo o “Homem” um ser biológico mas também social-gregário e cultural, que na sua evolução necessitou e continua a necessitar de se adaptar às quatro “determinantes de saúde”: Biologia, Ambiente, Estilo de Vida e Sistema Nacional de Saúde, visto elas se desenvolverem de forma integral e a tal modo que nada no currículo do sujeito (individual e/ou social-gregário) inscrito na cultura e expresso nos comportamento é intuitivo (Sanmartí 1990; Scriven, 2001).

É consensual que Estilos de Vida saudáveis promovem uma vida com mais qualidade. Ora, nos tempos que correm, por processos de aculturação, pressão

publicitária, consumerismo, fluxos migratórios e importação de modelos, assiste-se a um desenraizamento do modelo próprio das populações autóctones de determinados espaços geográficos. Todavia, a dicotomia entre Estilos de Vida de meio rural e de meio urbano não foi ainda erodida a ponto de poder fazer uma sobreposição (Azevedo, 1995).

Tendo como ponto de referência o viver ideal e o desenvolvimento de uma personalidade sadia, é objectivo deste trabalho de investigação demonstrar se há diferenças significativas nos modelos de Estilos de Vida das populações jovens de meio rural, Boticas, e de meio urbano, Braga, em domínios como: alimentação, higiene, segurança, conforto, lazer, atitudes perante o sexo seguro, bem-estar, ambiente, água, níveis de satisfação, recursos económicos...

Na actualidade, os Estilos de Vida por envolverem todos os aspectos da acção e do pensamento humano (educação, recreio/lazer, nutrição, paz, justiça, trabalho, família, habitação, higiene, segurança, alimentação, recursos económicos, recursos ambientais, hábitos tabágicos, alcoólicos, comportamentos de risco em relação às drogas ilícitas e às infecções sexualmente transmissíveis...) são tidos como elementos estruturadores e requisitos indispensáveis à obtenção do completo bem – estar, físico, mental e social.

2-METODOLOGIA

Utilizando a terminologia de Bogodan e Biklen (1994) o “*foco do estudo*” são os Estilos de Vida das comunidades rurais e das comunidades urbanas e o “*objecto de estudo*” os alunos do 1º, 4º, 6º e 9º anos de escolaridade.

Para dar resposta à questão de investigação, estabeleceu-se como amostra ideal um total de 800 sujeitos, sendo 400 de cada realidade social e 100 de cada ano de escolaridade.

Na recolha de dados utilizou-se um questionário totalmente construído de raiz, tendo-se respeitado os procedimentos metodológicos relativamente à sua concepção, validação, selecção dos inquiridos e administração no terreno, incluindo o estudo piloto (Field, 2000). O questionário é composto por três partes essenciais: a) Caracterização dos sujeitos; b) Eixos de investigação; c) Temas de investigação.

A parte a) do questionário compreende um conjunto de 7 questões de caracterização geral dos sujeitos: idade, sexo, área de residência, profissão dos pais, estado civil dos progenitores, fratria e religião.

A parte b) é formada por 10 eixos de investigação: hierarquia das necessidades humanas; atitude perante a sexualidade; ocupação dos tempos livres; valores

(conservadores e liberais); “ser e parecer”, individual e social; vivência do quotidiano; hábitos de consumo; alimentação, higiene e segurança; emigração; emprego e trabalho.

A parte c) comporta 6 temas de investigação, traduzidos por 18 imagens: formas de amor (sexual, maternal e fraternal); tipos de poder (económico, físico e cultural); a saúde: (medicamentos, alimentação e prática desportiva); a liberdade (simbólica ou efectiva); os aspectos alimentares e factores condicionantes do futuro (fome, guerra e drogas).

Para o tratamento dos dados recorreu-se ao programa “*Statistical Package for Social Sciences*” (SPSS1.3) para Windows.

As análises consistiram em procedimentos estatísticos com o objectivo de verificar se existem ou não diferenças significativas entre os jovens de meio rural e de meio urbano no domínio dos Estilos de Vida. Os testes utilizados foram o “*Qui-Quadrado*”(x^2) com o nível de significância assumido de 95% ($p < 0,05$) (Pestana e Gageiro, 2000; Sigel, 1956). Quando o x^2 revelava a existência de diferenças significativas foi analisado o valor da medida de associação “V de Cramer”, o qual varia entre $r = 0,00$ (ausência de associação) e $r = 1,00$ (associação perfeita). Quando $r \leq 0,40$ considera-se associação fraca; quando $0,40 < r \leq 0,60$ diz-se associação moderada; e quando $r > 0,60$ assume-se associação forte (Coolican, 1990)

3-ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Sociologicamente só as variáveis “área de residência” e “profissão dos pais”-diferenciam (teste do x^2 , $p < 0,001$); com $r > 60$) os alunos Rurais dos Urbanos. No primeiro caso, a amostra Rural é constituída na sua totalidade por indivíduos residentes em aldeia (82%), em lugar (2%) ou em vila (17%). Por sua vez, a mostra Urbana é constituída maioritariamente (91%) por indivíduos residentes na cidade, havendo apenas 6% de residentes em lugar e 3% em vila. Quanto à “Profissão dos pais” a grande maioria (52%) dos pais dos alunos Rurais são agricultores enquanto na cidade domina o operariado (56%): serviços (23%), comércio (17%) indústria (16%) seguindo-se imediatamente os intelectuais e científicos (15%).

No tocante à “*hierarquia das necessidades*” envolvidas e condicionantes dos Estilos de Vida (Maslow, 1970) somente nas variáveis diferenciadoras ($p < 0,05$; $r < 0,4$) “**casa**” e de “**vestuário**” do 1º nível da hierarquia; e “**escola**” do 5º nível é que se verificam necessidades mais prementes nos Rurais comparativamente aos seus pares Urbanos. Nas restantes variáveis discriminantes ($p < 0,05$; $r < 40$) “**segurança**” e “**justiça e**

equidade” de 2º nível da hierarquia; **“amor”** **“amigos”** e **“tempos livres”** de 3º nível; **“auto-estima”**, **“auto-confiança”** e **“aceitação”** de 4º nível; e **“saber”** do 5º nível, são os jovens Urbanos que indicam sentir maiores necessidades.

Relativamente à sexualidade, os baixos níveis de conversação (Nunca) dominam em todas as categorias deste eixo, tanto em meio Rural como em meio Urbano (Fig.1) Nota-se também que os jovens Urbanos têm níveis superiores de conversação aos seus congéneres Rurais sobre assuntos de sexualidade em todas as variáveis à excepção de **“padre”**. Neste eixo são variáveis não discriminantes ($p>0,05$) **“padre”**, **“toda a gente”**, e **“director de escola”**.

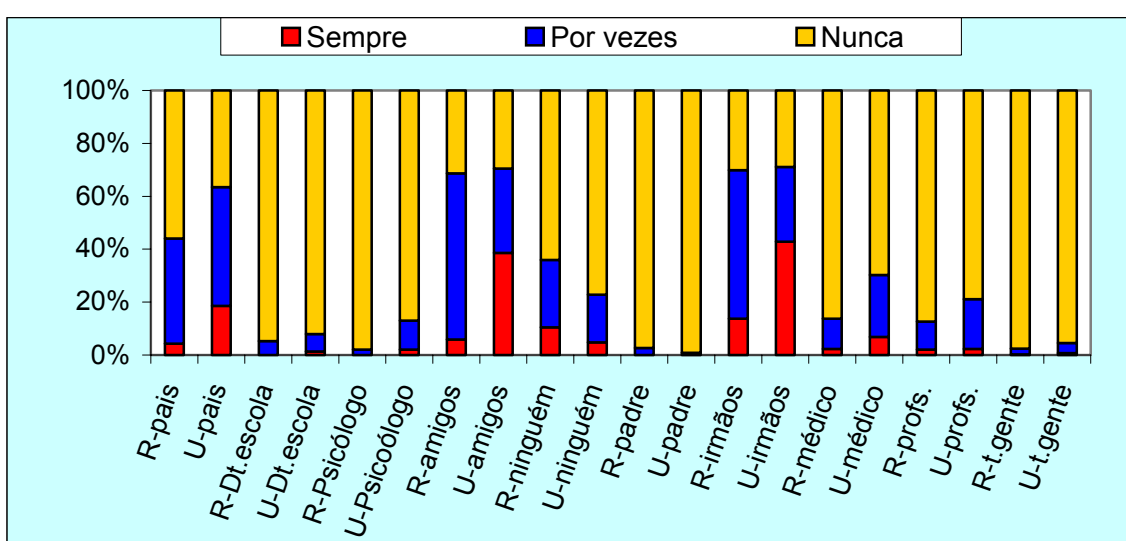


Fig.1. Níveis de conversação sobre sexualidade com familiares amigos e profissionais.

Quanto à ocupação dos tempos livres na definição dos Estilos de Vida verifica-se que os jovens Rurais ocupam predominantemente o seu tempo livre a **“jogar”**, a **“ver televisão”**, no **“ócio/lazer”** e a **“praticar desporto”** ($p<0,05$; $r>0,40$). Por seu turno, os Urbanos dedicam muito do seu tempo livre ao **“computador e à Internet”**, a **“praticar desporto”**, no **“cinema”**, a **“tratar da beleza”** a **“ver televisão”** e a **“ passear em centros comerciais”** ($p<0,05$; $r>0,40$).

No campo dos valores constata-se que tanto no meio Rural como no meio Urbano as categorias dominantes em todas as variáveis são **“discordo plenamente”** e **“discordo”**, e a menos destacada é **“concordo plenamente”**, pelo que o grau de discordância prevalece sobre o de concordância (Fig. 2). Ao nível da concordância plena, sobressaem nos Rurais o **“trabalho infantil”** (16%) e o **“divórcio”** (9%), enquanto nos Urbanos o primeiro só atinge 1,5% e o segundo chega aos 12,3%. Por seu turno, nos Urbanos a concordância plena é mais marcante nas variáveis **“uso de *pircing* pelo homem”** (16%),

“**mãe solteira**” (12%) e “**sexo antes do casamento**” (11%), aspectos que nos Rurais atingem valores significativamente inferiores (Fig.2).

No campo da discordância plena, destacam-se nos Rurais as variáveis “**mulher bater no homem**” (81%), “**prostituição**” (60%), “**uso de *peircing* pelo homem**” (59%), “**divórcio**” e “**homossexualidade**” (57%), enquanto os Urbanos elegeram como aspectos de maior discordância o “**homem bater na mulher**” (70%), “**mulher bater no homem**” (58%) e o “**trabalho infantil**” (54%) (Fig.2).

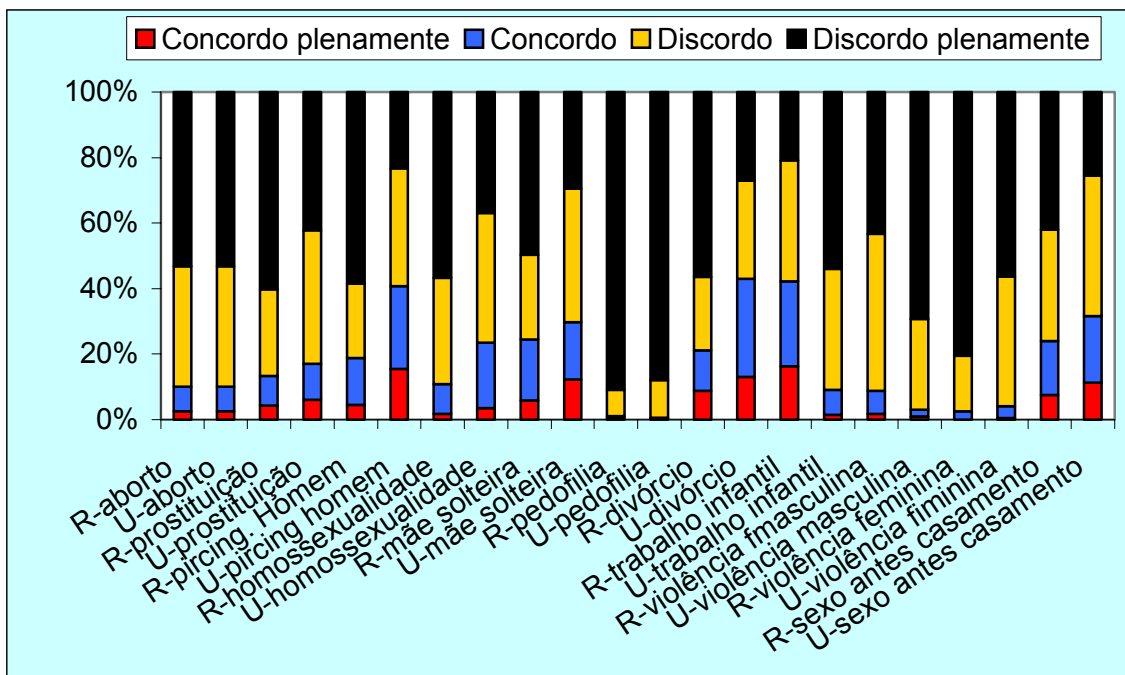


Fig.2. Níveis de concordância e de discordância relativamente a valores.

No eixo das dimensões indivíduo e sociedade (ser e parecer; individual e social) em ambos os meios, predomina a rejeição (totalmente mentira e mentira) em relação à aceitação (verdade e totalmente verdade) para os valores inscritos nos princípios apresentados aos sujeitos de meio Rural e de meio Urbano (Fig.3). Existe similaridade de valores na variável “**esconder defeitos**” para os dois meios. Nas restantes variáveis, observa-se que para as categorias “totalmente mentira” e “mentira” os jovens Rurais apresentam valores superiores aos Urbanos. Já para as categorias “verdade” e “totalmente verdade” foi registada a situação inversa (Fig.3).

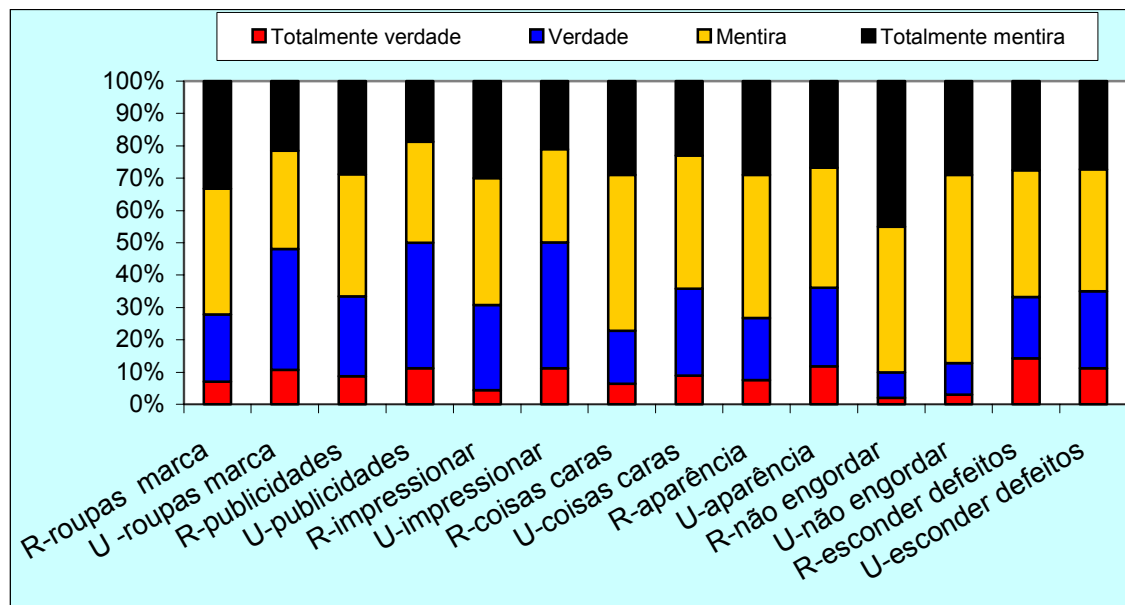


Fig.3. Os princípios (individual e social) nos estilos de vida dos jovens rurais e urbanos.

O eixo dos quotidianos mostra a existência de diferenças bastante significativas ($p < 0,05$; $r > 40$) entre as duas populações. Os jovens Rurais apresentam valores muito superiores aos Urbanos nas variáveis **“passar pelo campo”**, **“conhecer e falar a toda a gente”**, **“assistir ao acasalamento de animais”**, **“matar animais para a alimentação”**, **“brincar e jogar na rua com colegas e amigos”**, **“ver animais livres e a passear na rua”**, **“assistir a chegadas de bois”**, **“sair de casa e deixar chaves na fechadura”**, **“emprestar ferramentas aos vizinhos”**, e **“ajudar os pais no trabalho”**.

Por seu turno, os Urbanos dominam nas variáveis **“frequentar café ou bar”**, **“deitar às horas que apetece”** e **“estudar em casa”**.

Também no campo dos hábitos de consumo como determinantes dos Estilos de Vida se verificam diferenças substanciais ($p < 0,05$; $r > 40$) entre jovens Rurais e Urbanos. Os valores dos jovens Urbanos são significativamente superiores aos dos seus pares Rurais nas variáveis **“fazer compras nos hipermercados e centros comerciais”** (76%), compras numa **“loja chique e não na mais barata”** (71%), **“separar o vidro e o cartão do outro lixo para serem reciclados”** (70%), **“gastar dinheiro em livros que não sejam escolares”** (66%), **“procurar ver a validade dos produtos que consomes”** (64%), **“ler a informação sobre os produtos que compras e consomes”** (63%), **“comprar produtos que não te fazem falta”** (60%) e **“preocupar-te em comprar produtos amigos do ambiente”** (56%).

No domínio da alimentação, higiene e segurança, as populações em estudo não se diferenciam ($p > 0,5$) em aspectos como “**número de refeições diárias**”, “**uso do cinto de segurança**”, “**verificar se o gás está desligado**”, “**comer fruta à sobremesa**”, “**fazer tantas refeições de peixe como de carne**” e “**lavar sempre as mãos antes das refeições**”.

As diferenças surgem no campo da higiene e segurança onde o número de Rurais que dizem “**tomar medicamentos sem receita médica**” (59%) é superior aos Urbanos (41%). Em contra partida obtêm menores valores percentuais nas variáveis “**tomar banho diariamente**” (42%), “**procurar tanto de dia como de noite os lugares mais movimentados**” (39%), “**beber sempre Coca-Cola às refeições**” (34%), procurar “**passadeiras para atravessar as ruas**” (23%), “**desviar-se de animais soltos na rua**” (26%), comer em “**Pizzaria ou McDonald’s**” (24%) e “**ir regularmente ao cabeleireiro**” (16%).

Quanto à percepção da emigração na definição dos Estilos de Vida esta realidade tem maior reflexo nas populações Rurais que os diferencia ($p < 0,05$; $r > 0,4$) dos Urbanos. Este meio de contornar constrangimentos económicos e laborais é considerado por 46% dos jovens Rurais contra os 14% dos jovens Urbanos (Fig.4).

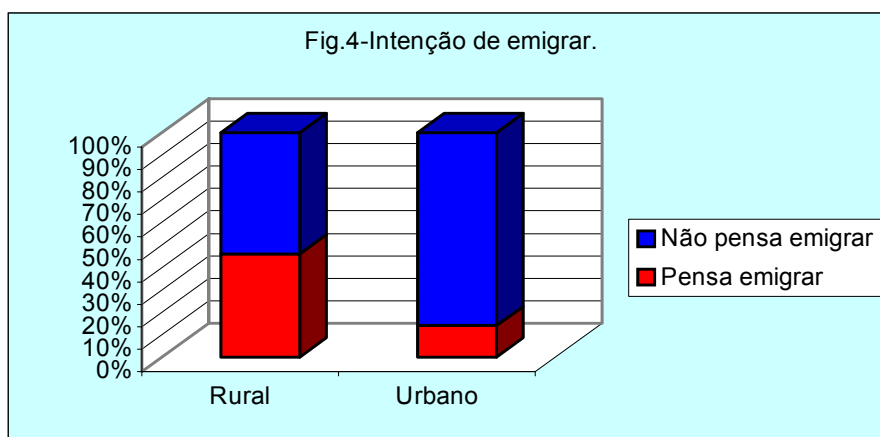


Fig.4. Intenção dos jovens do meio Rural e do meio Urbano em emigrar.

Também o emprego e o trabalho são encarados pelas duas realidades em estudo de forma distinta, o que diferencia significativamente ($p < 0,05$; $r > 0,40$) os Rurais dos Urbanos. Para 79% dos Urbanos a profissão e emprego são tidos e valorizados como elementos facilitadores do acesso a melhores condições de vida e consideram-nos como determinantes do seu futuro. Nos Rurais (61%) essa percepção não se revela de forma tão aguda.

Acercado tema do “amor” como elemento estruturante na definição dos Estilos de Vida (imagem nº1), a imagem que põe em relevo os vínculos afectivos estabelecidos pela relação “**mãe-filho**”, foi a que mais se destacou como simbologia do amor, sendo referida por 43% dos jovens Rurais e 38% dos Urbanos.

A sensibilidade das populações inquiridas às outras duas formas de “amor” apresenta valores inversos. Assim, a imagem do “**casamento/relação marital**” é eleita por 35% dos Rurais e somente 30% dos Urbanos como o símbolo ideal para representar o amor. Já a imagem de “**assistencialismo/dedicação ao próximo**” é mais considerada pela população Urbana (31%) em relação à população Rural (21%).



Imagem.1- Amor carnal



Amor maternal



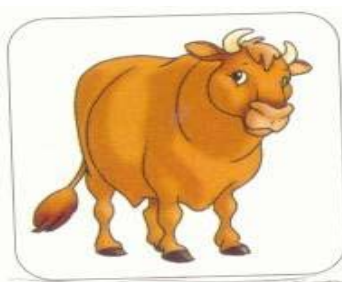
Amor assistencial/altruísta

Na temática do poder (imagem nº2) entendido como a componente que permite na acção humana o exercício de domínio e controlo sobre si, sobre o meio e sobre o outro, essa concepção atinge em ambas as populações o primeiro plano na dimensão do “**poder económico - carro**”. Todavia é também este aspecto o que mais as distingue, pois só 40% dos jovens Rurais lhe atribuem essa conotação, contra os 50% dos jovens Urbanos que vêem nos bens que cada um tem ou exhibe o verdadeiro poder.

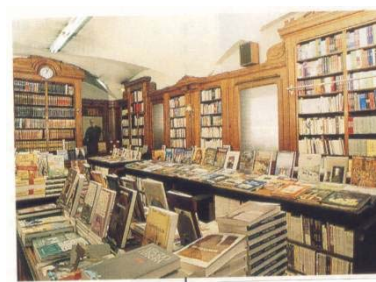
Referido por 31% dos jovens Rurais e 29% dos Urbanos, aparece em segundo lugar como símbolo do poder a “**cultura e o conhecimento - biblioteca**”. O poder como resultante da “**força física - boi**” é de todas a menos valorizada. Contudo é significativa na diferenciação dos Rurais que a valoram em 29% e dos Urbanos para quem só representa 21% como simbologia de poder.



Imagem 2- Poder económico



Poder físico



Poder do conhecimento

Quanto ao tema da saúde (imagem nº 3) constata-se que a “**saúde curativa - fármacos**” é discriminante entre os dois meios ($p < 0,05$) e predomina no meio Rural (42%) sobre a “**saúde preventiva**”: (alimentação - 35% e exercício físico - 23%).

Por seu turno, no meio Urbano a situação é oposta, pois que a “**saúde preventiva**”, nomeadamente o exercício físico (40%) é mais valorizada, seguida dos fármacos (31%) e por último dos aspectos alimentares (29%).

Deste modo, a dimensão que mais distingue as duas amostras é a “prática do exercício físico” e a menos discriminante são os “aspectos alimentares”.



Imagem 3- Medicamentos



Alimentação



Exercício físico

No tocante às concepções sobre a “liberdade” (imagem nº 4) na definição dos Estilos de Vida o símbolo dominante para a representação da mesma foi encontrado na imagem das “aves” tanto por jovens Rurais (41%) como por Urbanos (42%). Já o contacto com a “**natureza/montanha**” e a “**imensidão oceânica**” para além de discriminantes ($p < 0,05$), funcionam de forma inversa nas duas populações. Assim, a “**natureza/montanha**” é para os Rurais (25%) a menos representativa da “liberdade”, enquanto que o “**oceano**” foi valorizado em 34%. Situação inversa ocorre na comunidade Urbana que encara como símbolo da “liberdade” a “**natureza/montanha**” (35%) e somente 23% indica o “**oceano**” como o mais ideal para esse fim.



Imagem 4 – A montanha



As Aves



O oceano

O tema dos aspectos alimentares na representação dos Estilos de Vida é fortemente diferenciador ($p < 0,05$) entre ruralidade e urbanidade (imagem 5). O espaço “**Restaurante Português**”, muito valorizado pelos Rurais (59%) não tem a mesma correspondência nos Urbanos (34%), elegendo estes preferencialmente para comer os ambientes de *fast-food*: “**McDonald’s**” (51%) e “**Pizzaria**” (15%). Por sua vez, os jovens Rurais valorizam pouco a “**Pizzaria**” (7%) e o “**McDonald’s**” (20%).



Imagem 5 – Pizzaria

McDonald's

Restaurante Português

O porvir (imagem nº6) como condicionante dos Estilos de Vida revelou-se uma dimensão diferenciadora ($p < 0,05$) entre Rurais e Urbanos. As categorias que emergem com maior grau de discriminação são a “**guerra**”, invocada por 65% dos Rurais contra 30% dos Urbanos, e as “**drogas**” referidas apenas por 20% dos Rurais para os 42% dos Urbanos.

Nos dois meios, a dimensão “**fome**” foi a que suscitou menor grau de “preocupação quanto ao futuro” das populações inquiridas, tendo sido referida por apenas 15% dos Rurais e 28% dos Urbanos como a realidade que mais os preocupa no “futuro”.



Imagem 6 – Fome

Guerra

Drogas

4-CONCLUSÕES.

Pela análise dos resultados obtidos conclui-se que no âmbito das necessidades humanas hierarquizadas por Maslow (1970), os jovens Rurais (Boticas) e Urbanos

(Braga) apresentam níveis de necessidades diferentes, sendo que as dos primeiros se situam predominantemente nos estratos da base da pirâmide, enquanto as dos segundos se reportam aos planos superiores. Esta diferenciação traduz o nível de socioeconómico das populações tendo por base o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) que tenta medir “o nível de vida integrado das populações” recorrendo a três indicadores sectoriais (educação, longevidade e conforto) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que engloba os três sectores do IDS acrescidos do PIB *per capita* (Mourão, 2003).

A sexualidade como dimensão da genitalidade e dos afectos mostrou-se ainda como assunto “tabu” tanto para Rurais como para Urbanos. Todavia os níveis de abordagem ao assunto são mais expressivos nas comunidades Urbanas. As diferenças encontradas entre Rurais e Urbanos para as questões da sexualidade podem ter justificação em factores socioeconómicos, pois os jovens oriundos de famílias de desempregados e de trabalhadores manuais são mais retraídos, têm mais problemas de saúde, percentualmente são também mais resistentes à mudança para Estilos de Vida mais saudáveis e, após programas de reabilitação da saúde e alteração dos hábitos apresentam maior taxa de reincidência (Townsend *et al.* 1992).

Sobressai também que no campo dos tempos livres, recreio e lazer, as actividades dos jovens Urbanos estão organizadas em função de um padrão económico mais favorecido e de recursos infraestruturais adequados, enquanto as actividades dos jovens Rurais são predominantemente espontâneas e não estruturadas.

No confronto entre as duas populações estudadas para o campo dos valores, nas variáveis em estudo e nas categorias que as constituem, os Rurais expressam níveis superiores de resistência na adesão a novas tendências e mantêm-se num plano mais tradicionalista, conservador e de censura ao incumprimento da norma, enquanto os Urbanos são mais flexíveis e apresentam maior grau de aceitação e de incorporação do novo.

Na questão dos princípios como estruturas grandemente implicadas no desenvolvimento da personalidade e da conduta traduzidos na aquisição de conhecimentos, de competências formais e no pensamento de acção expresso em comportamentos (Jones e Bloomfield, 1996), as realizações viradas para o exterior, encontram-se mais evidentes em meio Urbano. Já em meio Rural, os Estilos de Vida parecem estar mais ligados ao “*knowing about being*” em que o factor determinante é mais o aspecto humano, a personalização, a procura da felicidade com base na saúde interior, no conhecimento interpessoal, na intuição e na emoção.

O eixo dos quotidianos foi aquele onde se obtiveram as mais expressivas diferenças entre a amostra Rural e a Urbana. Estes valores altamente distintivos entre as duas populações encontram sustentação segundo Amaro (1990) no *ecomomicismo, no quantitativismo, no industrialismo, no produtivismo, no tecnologismo, no consumismo, no urbanismo e no individualismo*.

É geralmente assumido que Portugal integra o universo consumista. Contudo, os dados obtidos neste estudo tornam claro que dentro da mesma sociedade portuguesa se constituem comunidades mais restritas e, que pela sua natureza intrínseca têm comportamentos de consumo diferentes. Assim os jovens Urbanos mostram maior sensibilidade e adesão à pressão publicitária, às ferinas campanhas de consumo e aos apelativos *slogans*, comparativamente aos jovens Rurais que se revelam menos permeáveis a estas influências.

Na tríade alimentação, higiene e segurança que tem forte impacto nos Estilos de Vida e na saúde dos indivíduos, os jovens Urbanos e Rurais apresentam diferenças significativas. A comparação dos obtidos neste estudo com os de Macfarlane et al. (1989) e Balding (1989) torna claro que as diferenças encontradas assentam sobretudo no contexto circunstancial de lugar, no diferente padrão socioeconómico da amostra e na capacitação dos sujeitos.

As desvantagens económicas, as reduzidas oportunidades de emprego e a ausência de uma remuneração gratificante apresentadas pelo meio Rural estão na base da maior intencionalidade de emigrar por parte dos jovens deste meio comparativamente aos seus colegas Urbanos. Constata-se ainda que estes *handicaps* têm repercussão na profissão como determinante de futuro em que os Rurais lhe atribuem uma menor importância. Quanto aos Urbanos vêem na profissão um elemento facilitador de acesso a melhores condições de vida.

Relativamente ao tema do amor, os Rurais têm a sua concepção predominantemente alicerçada na relação maternal-filial e relação carnal/matrimonial (família), enquanto nos Urbanos sobressai a relação maternal-filial e relação altruísta/assistencialista (o outro), ao qual pode estar subjacente a impessoalidade cidadina, em que as relações e o apoio interpessoal são diminutos.

No campo do poder conclui-se que os Rurais relacionam mais os seus Estilos de Vida com a força física e o conhecimento, enquanto que os Urbanos fazem depender em grande medida os seus Estilos de Vida do poder económico. Já no tocante aos aspectos proporcionadores de saúde os Rurais vêem nos fármacos e na alimentação as áreas que

melhor saúde podem proporcionar, enquanto que para os Urbanos esses factores se encontram predominantemente na actividade e exercício físico.

Quanto à representação simbólica da liberdade e a sua implicação na construção de Estilos de Vida, ambos os meios a concebem e associam preferencialmente à vida não sujeita a normas, regras ou códigos (aves). Contudo expressam opinião oposta para o ambiente natural com os Rurais a elegerem o oceano como símbolo da liberdade e, por sua vez, os Urbanos a identificarem-se mais com a montanha. Na perspetivação do futuro nota-se que as preocupações Rurais estão focalizadas na guerra e só a grande distância aparecem as drogas e a fome. Já os Urbanos tiveram uma distribuição mais uniforme pelas três categorias com ligeira preponderância dos aspectos relacionados com as drogas.

O estudo torna claro que a estas duas comunidades estão subjacentes concepções e práticas de estilos de vida distintas resultantes dos evidentes diferenciais de ordem económica, sócio-organizativa, infraestrutural, cultural, valorativa, recursos e interesse político. Estas claras diferenças, estatisticamente comprovadas, têm sustentação no modelo de Clément (2004; 2006) em que as Concepções (C) são resultantes da interacção entre os Conhecimentos adquiridos (K - *Knowledge*), os sistemas de Valores (V) e as Práticas sociais (P), ou $C = f(KVP)$. Os Estilos de Vida (EV) correspondem a concepções de vida, pelo que podemos adaptar a fórmula anterior para $EV = f(KVP)$, em que os Conhecimentos (K) se traduzem pela literacia, metacognição e capacitação; os Valores (V) entendidos como princípios e normas tidos como positivos pelo conjunto da sociedade ou por comunidades particulares e restritas e que regem a conduta; e as Práticas (P) vistas como o processo de aplicação à vida quotidiana social e profissional.

O sistema de necessidades, de valores, de mentalidades, de cultura, de cidadania, de responsabilidade e de comportamentos, podem ser um meio válido para se fazer entendimento do conceito dos Estilos de Vida, já que as pessoas constroem os seus sistemas de acção ou simbólicos tendo em vista manejar e apropriar-se do mundo o mais feliz e saudavelmente possível, ou seja, formula hipóteses segundo as suas experiências e prediz o futuro de acordo com estas.

5-BIBLIOGRAFIA

Amaro, R.R. (1990) Desenvolvimento e Injustiça Estrutural, *Communio*, 5: 448-459.

Azevedo, C. (1999) *Biologia Celular e Molecular*. Lisboa. Lidel Edições Técnicas, Lda.

- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Balding, J. (1989) Young People: HEA Schocols Health Education, *Community Medicine*: 6: 64-72.
- Clément, P. (2004). Science et idéologie : exemples en didactique et épistémologie de la biologie. In Actes du Colloque *Sciences, médias et société*. ENS-LSH, pp.53-69, <http://sciences-medias.ens-lsh.fr>.
- Clément, P. (2006). Didactic Transposition and the KVP Model: Conceptions as Interactions Between Scientific Knowledge, Values and Social Practices. In *Proceedings of the Summer School of ESERA*. Braga: Universidade do Minho, IEC, pp.9-18..
- Coolican, H. (1990). *Research Methods and statistics in psychology*. London: London press.
- Durkehim, P. (1963) *L'Education Morale*. Paris: PQF.
- Field, A. (2000) *Discovering Statistics. Using SPSS for Windows*. London: SAGE Publications.
- Jones, I. e Bloomfield, A. (1996) Promoting Health Through Social Services, in Scriven, A. e Orme, J. (eds.) *Health Promotion: Professional Perspectives*. London: McMillan Press LTD.
- Macfarlane, A., McPherson, A., McPherson, K. e Ahined, L. (1989) Teenagers and Their Health Education, *Arch Dis Child*: 62:12-19.
- Maslow, H. A. (1970) *Motivación e Personalidad*. Madrid: Ediciones Diaz de Santos.
- Mourão, P. R. (2003) Fosso entre regiões ricas e regiões pobres não para de aumentar, *Jornal Públicos*, 8 de Setembro.
- Pestana, M. A. e Gageiro, J. N. (2000) *Análise de Dados Para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS (2ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Taylor, S. (2002) *Etnographiq Research: A Reader*. London: SAGE Publications.
- Tuckman B. W. (2000) *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rapley, M.(2003) *Quality of Life Research: a critical introduction*. London: SAGE Publications.
- Rocher, G. (1989) *Sociologia Geral. Acção social*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sanmartí, C. S. (1990) *Educación Sanitária: Principios, métodos e aplicaciones*. Madrid: Imprenta Calero, S.A.
- Scriven, A. (2001) The Influence of Government Policy on the Provision of Health Education in Sschools. In Scriven, A. e Orme, J. (Ed), *Health Promotion: Professional Perspectives (2001)*. London: Palgrave.
- Sigel, S. (1956) *Nonparametric Statistics for de Bbehavioral Sciences*. London: International Student Edition.
- Sedhouse, D. (1997) *Health Promotion: Prejudice and Practice*. London: Wiley.
- Sorokin, P. (1947) *Society, Culture and Personality: Their Struture and Dinamics*. Nova Iorque: Harper.
- Townsed, J., Wilkes, H., Haines, A. E Jarvis, M. (1992) Adolescentes Fumadores Observados em Clínica Geral: Saúde, Estilo de Vida, Medidas Físicas e Respostas ao Aconselhamento Antitabágico, *British Medical Journal (BMJ)*, 1: 17-21.